

BIBLIOTECA



# O CORREIO MISSIONÁRIO

## ■ DAS CRIANÇAS ■

## PÁGINA DAS ADOPÇÕES

*Reverenda Madre :*

*Venho-lhe pagar a assinatura do Correio Missionário e pedir se me podia mandar os números 3 e 4 que nunca me chegaram às mãos.*

*Também pedia para ser madrinha duma pretinha que ficará com o nome de Maria Teresa.*

*Para isso mando 15\$00, e peço para me mandar um retrato dela e algumas vezes notícias. Desde já agradeço a afilhadinha.*

*Foz do Douro, 10 de Janeiro de 1939.*

*Maria Teresa de Abreu Fonseca C. Alvares R.*

**Resposta.** — Com grande prazer satisfizemos logo o pedido da nossa gentil assinantezinha. A afilhadinha Maria Teresa foi pedida para a Missão de Homoine (África Oriental Portuguesa — Moçambique) para onde seguiu a sua oferta. Pedimos também a fotografia da pequenina que vai ser o bom anjo da Madrinha. Os correios são demorados, no entanto esperamos não tardar muito a dizer-lhe alguma coisa.



*Reverenda Madre :*

*Tenho muita pena dos pretinhos que não são baptizados e que não conhecem o Menino Jesus. Por isso fiquei contente por saber pelo Correio Missionário das Crianças, que eu também podia ajudar os Missionários e as Missionárias. Com alguns dos meus companheiros do Colégio, juntamos 32\$00 que aqui enviamos: é do nosso mealheiro, não quisemos que o Paizinho nos desse para fazermos também um sacrificio.*

*Gostaríamos muito que essa esmola fôsse para a ajuda do baptismo dum pretinho e duma pretinha, por isso se fôsse possível ficávamos todos contentes. Desejávamos muito que se chamassem Ana Maria e José Luiz. Vamos ser muito seus amigos, todos os dias rezaremos juntos pelos nossos queridos pretinhos e conti-*



## SUA SANTIDADE PIO XI

O vosso Correio Missionário não vem dar-vos a dolorosa notícia do falecimento de Sua Santidade na manhã de 10 de Fevereiro, porque já o sabeis há muito. Mas vem dizer-vos alguma coisa do Chefe que a Igreja perdeu, do Pai de cada um ao mesmo tempo que o Pontífice de todos, e que tanto amava as criancinhas.

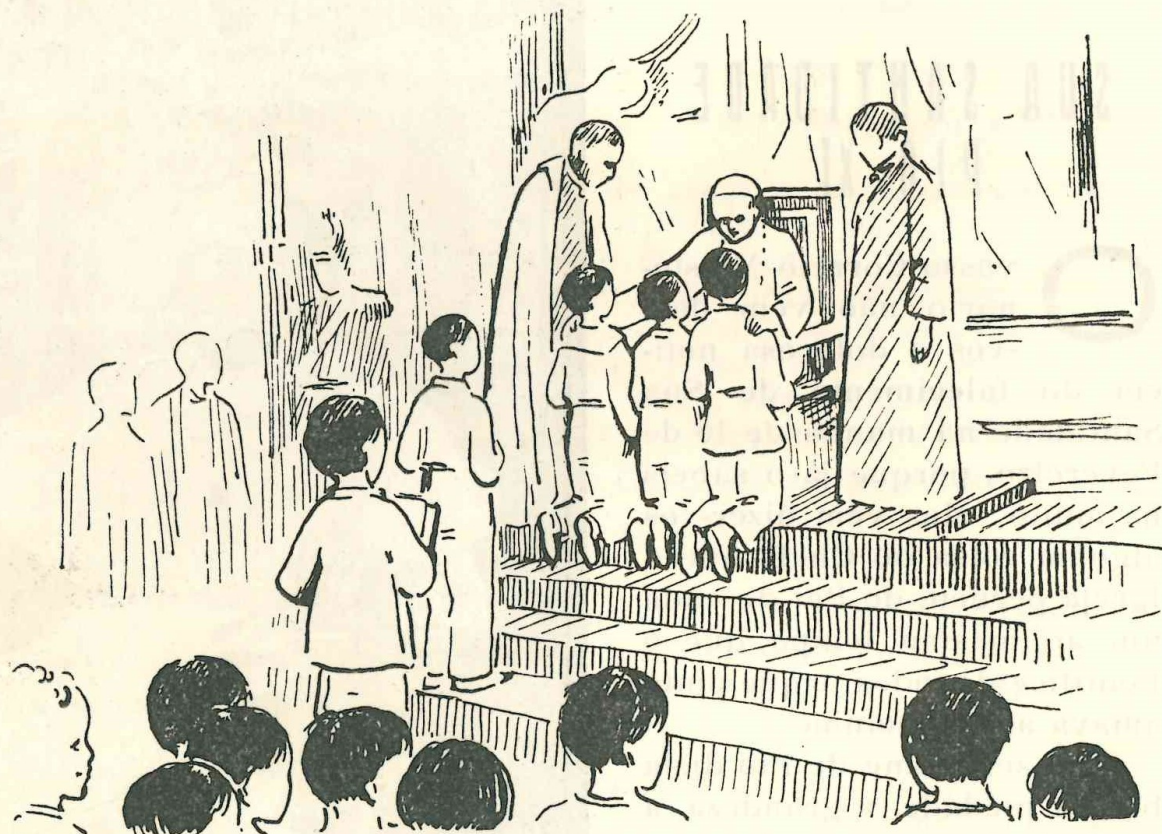
O seu nome de Pio dizia bem a piedade, a grandeza, a inteligência surpreendente e a sua actividade ao serviço dum coração paterno e magnânimo!

Durante dezassete anos, governou a Igreja de Deus com sabedoria e firmeza intrépidas, empregando-as só a estender a Igreja, a praticar o bem e aliviar os sofrimentos, ao mesmo tempo que a defender a verdade, e a exaltar a glória de Deus. Por isso a admiração e o amor dos povos por êste «Pai Comum» aumentava sempre e o futuro desvendará melhor ainda o que o mundo deve ao Papa de tôdas as grandes causas, ao Papa das Missões, ao Papa da Acção Católica.

E como os pequeninos, pode dizer-se, foram em muitas circunstâncias o objecto duma verdadeira predilecção!... Recordaremos aqui que o último gesto, a última audiência dêste Pai venerado, foi para as crianças, sendo elas ainda as que tiveram o privilégio desta graça.

Estava-se no dia 5 de Fevereiro... Na grande sala do Consistório comprimiam-se em filas densas todos aquêles que tinham





merecido uma menção especial no certamen de catecismo organizado na diocese de Roma. Crianças de muitas escolas, de Institutos, de Colégios, membros da Acção Católica, e de Associações diversas encontravam-se misturadas. Quando Sua Santidade Pio XI apareceu, conduzido na *sedia*, vibrantes aclamações, manifestações de amor e de reconhecimento o saüdaram. Nunca recepção alguma fôra tão calorosa, filial, espontânea!

Tendo tomado o seu lugar no trono, o Santo Padre interessou-se pelo feliz êxito do certamen, depois, dirigindo-se a tãda a assembleia, quis dirigir paternais felicitações «aos seus meninos muito queridos», assim reünidos na sua presença, aos grandes e aos pequenos, e a estes últimos sobretudo, admitidos a tomar parte numa reünião tão bela, tão honrosa para eles!»

Todos tinham estudado a valer e muitos obtiveram um prêmio de doutrina cristã, quere dizer o que há de mais belo, de mais grandioso, de mais importante.

«Nada haveria mais a acrescentar, prossegue o Santo Padre, a um espectáculo já por si tão magnífico e tão nobre, tanto é evidente que a doutrina cristã, hoje ensinada, estudada, se torna lei de vida para o dia de amanhã, prática constante para a existência inteira...»

Mas o Papa apraz-se ainda a salientar que «esta querida reünião, esta bela reünião para o Pai Comum, era a preparação, a abertura por assim dizer, duma semana que ia rememorar tão grandes acontecimentos: A data da sua elevação ao Soberano Pontificado e da Coroação, o décimo aniversário da Conciliação, o sexagésimo aniversário do seu sacerdócio e o vigésimo da sua consagração episcopal...»

Desta bela audiência, havia pois a dar muitas graças a Deus; mas o Santo Padre queria ainda dar-lhes uma recordação palpável mandando entregar a todos os que estavam presentes uma linda estampa do Santo Sudário venerado em Turim. Queria que esta estampa tão eloqüente, esta reprodução tão fiel das impressões da Paixão e da morte do Salvador, dissesse a todos aquêles que a tinham merecido, a satisfação do divino Salvador e a sua bênção especial da qual a do seu Vigário na terra era o testemunho...»

Mas essas belas cerimónias a que o Santo Padre fazia alusão, alguns dias depois, a Igreja e o mundo inteiro comemorava-as no luto e na oração. Elle festejava-as no céu!...

Ondas de povo, sempre cada vez mais densas, correram à Basílica de S. Pedro para contemplar uma última vez «o Pai Comum» tão venerado e que repousava lá, no último sono, enquanto a sua alma gozava dora-avante a grande luz divina.

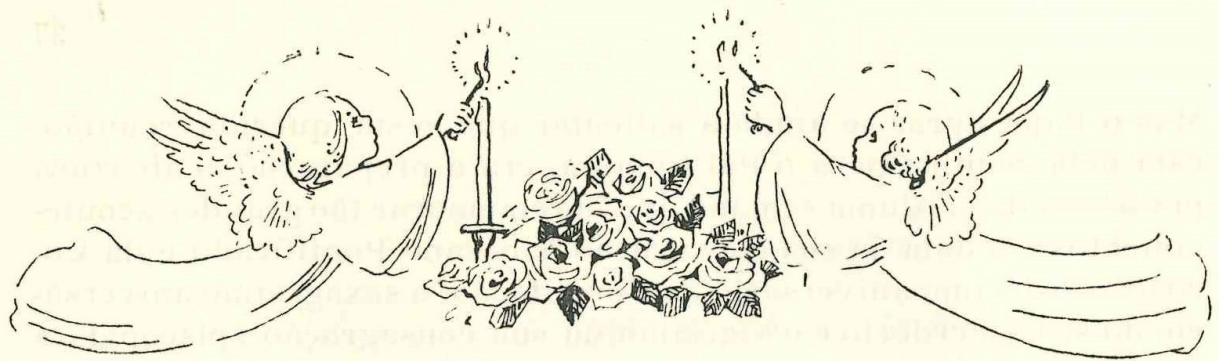
E quantas crianças nos braços das mãis, ou no meio da multidão foram também vê-Lo uma última vez!

Depois seguiram-se as comoventes cerimónias dos funerais e na tarde de terça-feira, 14 de Fevereiro, o Santo Pontífice Pio XI era descido às criptas vaticanas, junto de Pio X que também amara muito as criancinhas.

Uma das primeiras fotografias, se não é a primeira mesmo, mostra, junto da tumba onde se lê o nome de Pius Papa XI, três meninos a rezar. Tinham conseguido chegar até lá muito humildes e pobres, e porque eram precisamente os mais pequeninos tinham direito à predilecção paterna.

É bonito vê-los ali, em nome de tôdas as crianças, parece, intérpretes da sua oração, do seu filial reconhecimento, e também do entusiasmo com que elles se porão ao estudo da doutrina cristã, «essa lei de vida para o dia de amanhã e prática constante para a existência inteira.»

Então, do alto do céu, o bom e grande Papa Pio XI sorrir-lhes-á ainda e abençoa-los-á!



# Nossa Senhora da Aparecida

## Brasil

**A**PARECIDA é uma célebre peregrinação no Brasil e que deu o seu nome a uma pequena localidade que se encontra na linha do caminho de ferro Rio de Janeiro-S. Paulo.

Mas na segunda metade do século XVII, quando os portugueses se fixaram naquele país, não havia ainda peregrinação e muito menos caminho de ferro.

Os viajantes, muito raros, atravessavam a região quer a-cavalo, quer de barco. Os caminhos eram perigosos; a montanha, a *Serra do Mar*, precisamente porque costeia o mar, oferecia só atalhos escarpados e florestas impenetráveis; o rio *Para Liba* estava cercado de ilhas com múltiplos recifes ou então precipitava-se em turbilhões nas suas gargantas apertadas.

Em 1719, a passagem do ilustre Conde de Assumar, Governador de São Paulo, e do seu brilhante cortejo, deu ocasião a um grande acontecimento no vale. O lugar agradou ao grande senhor; ordenou que parassem na margem do rio e quis mimosear os seus súbditos com peixes do *Para Liba*.

Os pescadores lançaram imediatamente as suas rêdes. Primeiro resultado: nada! Os barcos afastaram-se; novas tentativas. Desta vez, João Alves é o mais afortunado; em vez de peixes retira... uma estátua da Santíssima Virgem. Contento como se tivesse descoberto um tesouro, João leva a santa imagem. Guarda-a preciosamente durante alguns meses, depois, um dia, faz presente dela ao seu amigo Pedroso. Êste, encantado com o presente, leva a estátua para a cabana, levanta-lhe um altar, o melhor que pode e desde então, todos os sâbados convidava os seus vizinhos a reü-

nirem-se aos pés da Senhora para lhe cantarem cânticos e rezarem o têrço.

O têrço! Homenagem querida que desde há séculos os cristãos não se cansam de repetir e que Nossa Senhora não se cansará nunca de ouvir



e à qual responde sempre com novos tesouros de graças.

Ora aconteceu que na humilde habitação de Pedroso, enquanto todos passavam piedosamente as contas do rosário, de repente, as duas velas que ornavam o altarcinho acendem-se por si sós, sem que nenhuma mão visível se tivesse aproximado delas. No sábado seguinte deu-se o mesmo prodígio.

Com certeza, direis vós, a SS. Virgem não estava contente por não lhe acenderem as velas. Porque é que então Pedroso não o fazia?

Sem dúvida tendes razão, mas também no que não há dúvida é que naquela época os círios e as velas eram objectos de luxo lá para os lados da *Serra do Mar*, e Pedroso poupava-as para as festas e para as grandes circunstâncias. Ou talvez ainda que estivesse tão contente por ter tido uma e mesmo duas vezes os anjos por sacristãos que lhes deixasse êsse cargo. E os anjos faziam-no com muito gôsto; a maravilha renovou-se ainda durante vários sábados. O Pároco de Guaratingueta, localidade vizinha, informado do facto, pensou que a Senhora desejava provavelmente ver aí um santuário erigido em sua honra. Os seus paroquianos acolheram a proposta com entusiasmo. Erigiu-se uma modesta capela, as peregrinações começaram, e pouco depois tornaram-se tão numerosas que o pobre oratório já não chegava. Substituíram-no por outro maior que foi benzido solenemente em 1745.

Multidões e multidões aí vinham orar e os milagres respondiam sempre à sua confiança. Emfim, em 1888, foi construída uma verdadeira igreja. O Bispo veio consagrá-la, e quinze anos mais tarde, S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Núncio Apostólico, juntamente com os Bispos do Brasil, presidia às magníficas festas da Coroação de Nossa Senhora da Aparecida. Os frescos do santuário representam os milagres mais assinalados. Os milagres! Eles são tão numerosos que seria preciso construir uma vasta sala apenas para conter os ex-votos oferecidos em reconhecimento à Santíssima Virgem.

«Não se podem escrever, diz a crónica, porque para isso seriam necessários milhares de livros e a vida dos peregrinos não seria bastante longa para os ler!»

Entre os que têm sido relatados não seria êste o mais impressionante?

Sebastião Paulo era um pobre paralticozinho de 8 anos. Ajudado pelo irmão, pouco mais ou menos da sua idade, arrastava-se pelas ruas, mendigando o pão de cada dia. Tôda a gente o conhecia em Barra Mansa. Um dia, passando perto dêle um Padre, o mendigo estendeu-lhe a mão. Êsse Padre era um religioso:

«Eu não tenho dinheiro, meu pobre pequeno, disse êle, mas olha, reza muito a Nossa Senhora da Aparecida, faz-lhe uma promessa, e verás... ficarás curado.»



Curar? Que sonho! Poderia, porventura, o pobre Sebastiãozinho curar-se, êle que nunca tinha conhecido a felicidade de correr e nem sequer de andar? Mas o Padre tinha-lhe dito: «Reza muito»! Pôs-se então a rezar à Rainha do Céu, com todo o seu coração. Era preciso também fazer-lhe uma promessa? Mas não tinha nada... Pois bem, se a Virgem da Aparecida lhe obtivesse a graça de andar, êle iria descalço até ao seu santuário, varreria a igreja e dar-lhe-ia belas fitas para enfeitar a sua estátua.

Três dias depois, curado, punha-se alegremente a caminho para cumprir o seu voto.

Mais do que as flores, mais do que as velas e mesmo mais do que as Ave-Marias, a generosidade do pequeno Sebastião tinha comovido o coração da divina Mãe.



## A AVENTURA DE SUSANA

— Ah! agora já é a Susana?  
Não te dê cuidado o seu vestuário.»

E por algumas moedas, a Irmã Francisca vai a uma loja em frente e compra-lhe um par de meias e uns lindos sapatinhos guardados de flores que imediatamente lhe enfia nos pés. Um tal presente encanta Susana e tranqüiliza o irmão.

«Oh! se a tratais assim, ficará muito bem convosco!»

E eis que, dando meia volta, retoma o caminho de casa.

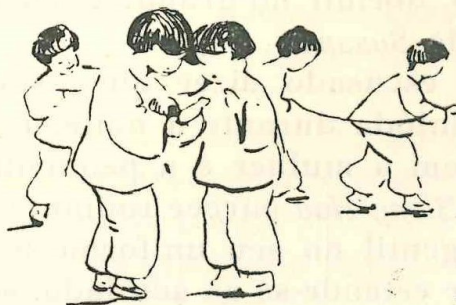
Talvez julgásseis tudo terminado, mas êste é apenas o primeiro actc.

Chegada ao convento, Susana é a heroína do dia. Fazem-lhe uma festa e no meio das companheiras, esquece bem de pressa — não é de admirar, com quatro anos — a boa Siang-Hoa e todos os da casa.

Mas no dia seguinte pela manhã, vários homens, invadem a portaria do convento; entre êles, vêm o «pai», e o «irmão» de Susana.

«*Siéu-tao*, visto que me trouxeram a pequena enquanto eu estava ausente, quero vê-la, sòmente vê-la uma vez!»

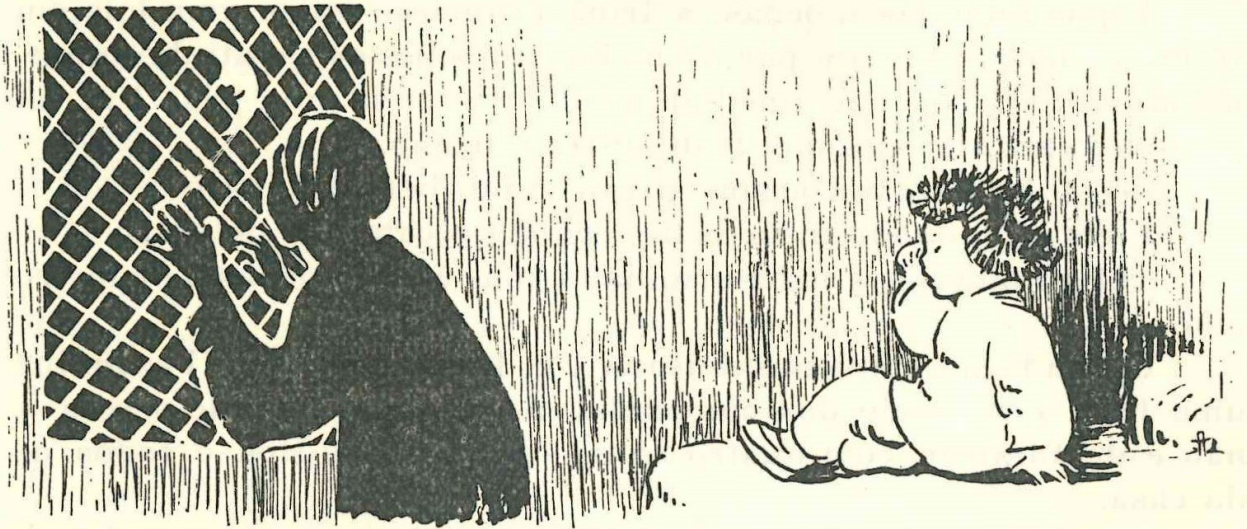
Levar a criança à porta-



ria, ao meio dessa multidão, era, sem dúvida, vê-la arrebatada à força.

Um excelente meio para impedir tal coisa e ao mesmo tempo satisfazer esse homem que tão bom tinha sido para ela, era — o privilégio de que poderia gabar-se — conceder-lhe entrada por alguns momentos na Santa Infância, mas a êle sozinho, naturalmente, os outros deveriam esperar à porta.

Entra pois, visita as obras, as salas, as aulas, bem instaladas, o refeitório com as tijelas e os pauzinhos já preparados em cima das mesas. Deixam-no uma boa meia hora com a pequenita que lhe conta tudo quanto teve e o que viu de bom e bonito desde a



véspera. O bom pagão, vendo-a contente e bem tratada, declara-se por sua vez satisfeito.

Mas não estamos ainda no termo das peripécias.

De tarde, é a «mãe» (a ama) que chega acompanhada de várias mulheres.

O mesmo privilégio. Ela, mas sózinha, é autorizada a visitar a Santa Infância e — novo favor — poderá mesmo passar a noite na missão, dormir no grande dormitório das pequeninas, sobre o *Kan*, junto de *Susana*.

É escusado dizer que as órfãs grandes, encarregadas desta gente miúda durante a noite, receberam o encargo especial de vigiar bem a mulher e a pequenita. Ao deitar tudo se passa na ordem. *Siang-Hoa* parece radiante por ver a *Susaninha* já habituada e tão gentil no seu uniforme azul. Uma vez deitada a criança, a mulher estende-se ao seu lado, sobre o *Kan*.

Dá meia-noite. As órfãs grandes, que por assim dizer não fecham os olhos, vêem de-repente a pagã levantar-se muito devagarinho, despertar *Susana*, vesti-la, descê-la do *Kan* e dirigir-se com ela para a porta em leves passadas.

As três pequenas riem a bom rir debaixo dos cobertores; sabem que a fugitiva não irá longe, pois as portas são cuidadosamente fechadas tôdas as noites, na Santa Infância.

Com efeito, detêm-se logo diante da primeira e volta atrás com *Susana*, que depõe novamente sôbre o *Kan*; aproxima-se duma janela, depois doutra; nova desilusão: guarnecem-nas sólidas grades.

Tudo isto transtorna os planos da nossa pagã. Só lhe resta subir de novo para o *Kan*, o mais mansamente possível e, enquanto *Susana* adormece, medita um novo projecto de evasão.

(*Continua*)

---

## Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

### A COLHEITA FRUTIFICA

À medida que o número dos cristãos aumentava, assistia-se na Missão a belas cerimónias de casamento. As palhotas alinhavam-se cada vez mais numerosas na aldeia cristã. As obras de apostolado cresciam em proporção. Todos os dias as Irmãs visitavam os velhos, e os doentes que não podiam ir ao dispensário. Ao tratá-los, tinham uma excelente ocasião de fazer cair nas suas almas uma primeira palavra de verdade.

Quando as Irmãs andavam assim duma palhota para a outra, as pequenas negritas vinham a correr, rindo contentes, cercavam-nas e seguiam-nas; numa palavra, era com uma coroa de crianças que elas entravam no convento.

Divertir estas crianças, mantê-las numa disciplina admirável mostrando-lhes belas estampas era inaugurar uma verdadeira escola. Mas, ó surpresa, julgando sem dúvida passar despercebidas, algumas mãis, muito atentas, assistiam às primeiras lições. E tudo seguia muito bem...

Atrair as criancinhas e começar a instruí-las, não era bastante; as missionárias pensavam em mais e melhor. Havia, dissemos nós, mulheres e raparigas na Missão e era preciso encontrar para elas um trabalho que as ocupasse e que as interessasse, um trabalho proporcionado à sua rude inteligência, aos seus dedos inexperientes. Podia pensar-se nos bordados, ou na renda? Não! Quando muito, numa experiência de tecelagem.

A Irmã Maria Plácido, recentemente chegada de Boma com o material necessário, presidiu à instalação; era material bastante primitivo, mas soberbo para o mato.

Inaugurou-se então uma oficina. Três ou quatro negrinhas, levadas pela curiosidade, apresentaram-se e, coisa surpreendente, tomaram gosto ao trabalho.

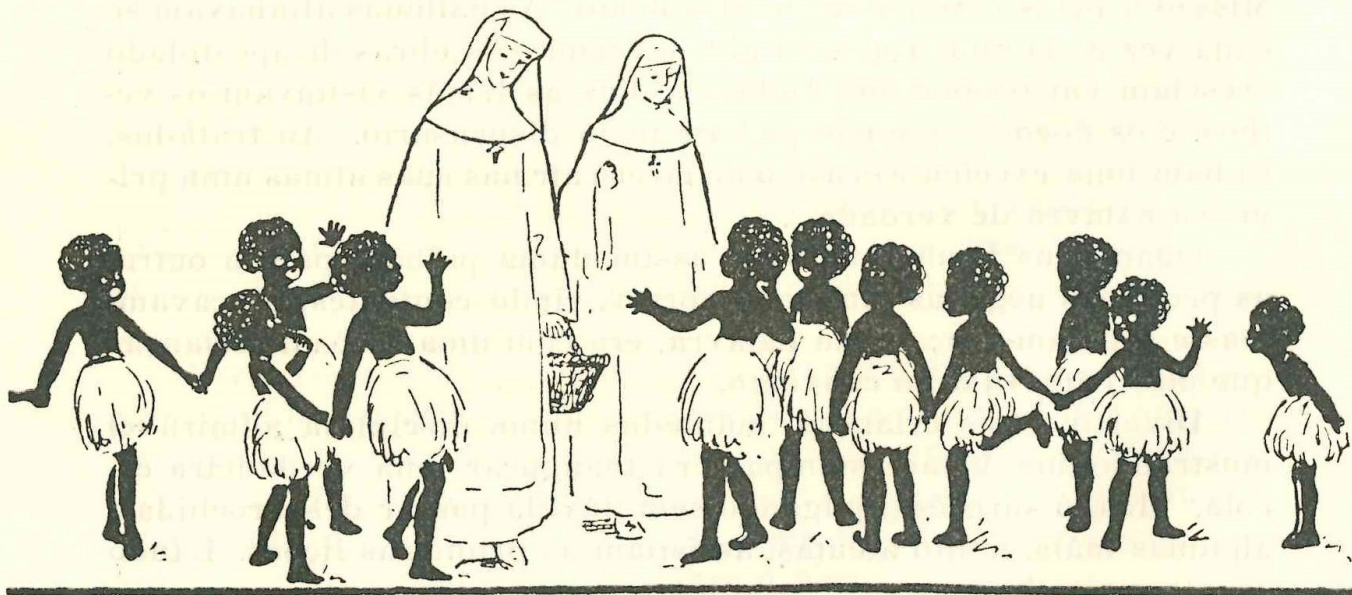
Um domingo, passearam a aldeia vestidas com magníficas tangas novas, obra das suas mãos!

De-repente os pedidos afluíram. As Irmãs tiveram tantas aprendizas tecedeiras, que a humilde oficina quási parecia uma fábrica!

Mas para tecer é preciso fio; ora o algodoeiro abunda no Congo, talvez não extra quanto à qualidade, mas mais que suficiente para tangas e tangas feitas por principiantes!...

Estava-se precisamente na época do algodão.

Não longe da Missão, havia vários arbustos selvagens, todos floridos com belos penachos de neve. Durante os recreios, as peque-



nas operárias foram buscar os flocos brancos e recolher os grãos para fazer uma verdadeira plantação.

E assim na Missão, plantou-se o algodão, fiou-se e teceu-se. O trabalho todavia não fazia esquecer o estudo da religião e as orações. Falou-se mesmo em realizar breve uma grande cerimônia da Primeira Comunhão, a primeira em Nova-Antuérpia. Os missionários ocuparam-se dos homens e dos rapazes; as Irmãs prepararam cinqüenta mulheres e outras tantas raparigas; na última semana, um grande retiro reuniu tôda esta gente na igreja.

Chega o grande dia. Na noite que o precede, a Missão é de repente despertada por um ruído confuso de orações, e depois ouvem-se cantos... O que se passa?

Arrebatados pelo fervor, comungantes, homens e mulheres, estão á porta da igreja, de joelhos na areia, alternando actos de fê e de desejo, cantos e têrços.

Comovido, o missionário vai abrir-lhes a porta do santuário e aos pés do Santíssimo Sacramento, é, pode dizer-se, uma vigília de armas.

Às 8 h. começa a Missa; os homens estão colocados dum lado, as mulheres do outro, todos vestidos de branco, com belas tangas novas, um escapulário ao pescoço e um têrço na mão.

Quando toca ao *Agnus Dei*, todos se levantam, prostram-se com a frente na terra e, em conjunto, dizem a Confissão.

É um espectáculo sublime ver estes negros do mato, tão selvagens algum tempo antes, e agora recebendo o grande Nzambi em seus corações com transportes de fê e com que sincera piedade!

«Oh! como era lindo! exclamava Gangali (Lúcia), negrinha de 12 anos, ao sair da igreja; eu pedi a Jesus que me desse antes a morte do que cometer um só pecado mortal. Quero conservar a minha alma tão branca como a minha bela tanga.»

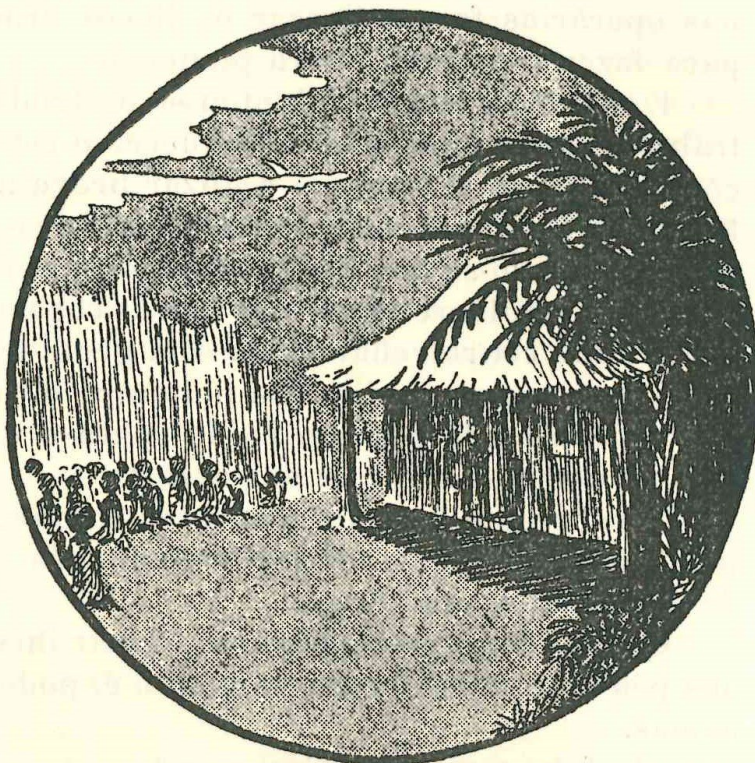
Querida alminha inocente!... A sua oração deve ter subido direita ao céu, porque Deus não lhe deu tempo de a embaciar, nem mesmo de amarrotar a branca tanga. Passados poucos dias, formou-se-lhe um abcesso na cabeça, em seguida esteve muito mal, recebeu ainda uma vez mais o seu *Jesus* e, a orar, voou para o paraíso.»

Gangali tinha uma irmã de que gostava muito. Vinham ambas juntas para o «atelier» do convento. Tinham sido baptizadas ao mesmo tempo e comungado ao lado uma outra. Antes de mor-

rer, Gangali prometeu a Cecília que vigiaria sempre por ela para que se conservasse uma boa cristã.

Ainda nisto, a negrinha é fiel à sua missão: Cecília, casada com um excelente catequista é um modelo de piedade e instrue as mulheres catecúmenas.

Com tais auxiliares, a confiança dos negros, até a dos trabalhadores assalariados pelo Estado, aumenta. No fim do ano havia mais de 600 catecúmenos, que, à noite, terminado o trabalho, assistiam ao catecismo.



Quem pois atraía assim estes pobres pagãos?

Sem dúvida nenhuma, a voz silenciosa de Jesus-Hóstia exposto na pobre capela.

A influência divina fazia-se sentir não só nas circunvizinhanças da Missão, mas até a distância. Uma vez, alguns negros que habitavam distantes de Nova Antuérpia, a uma distância de vários dias de viagem, vieram ter com os missionários.

«Padre, disseram-lhe êles, ensina-nos a conhecer também o grande Nzambi; falaram-nos dêle e na nossa aldeia todos querem ser seus filhos.»

Não tinha soado ainda a hora. O pessoal faltava e, para o surpir momentâneamente, os missionários formavam catequistas negros e enviavam-nos aos diversos postos. A luz do Evangelho começava a iluminar assim o mato pagão.

(Continua).

# PÁGINA DAS ADOPÇÕES

(Continuação da 2.<sup>a</sup> pág.)

*nuaremos a mandar-lhes as nossas esmolas. Também desejávamos muito ter os seus retratos e saber das suas notícias.*

*Aqui ficamos com muito desejo da resposta a esta cartinha.*

*Braga, Asilo D. Pedro V, 18 de Fevereiro de 1939.*

*Maria Teresa Afonso Esquivel*

**Resposta.** — Como o Menino Jesus deve estar contente com o pequenino batalhão de apóstolozinhos que tão generosamente quere trabalhar para salvar as almas de seus irmãozinhos de além-mar! Sim, os dois pretinhos serão baptizados com êsses nomes na Missão da Beira (África Oriental Portuguesa) e será com o maior prazer que lhe daremos as suas notícias logo que sejam recebidas, assim como os seus retratos. E depois, até os nossos pequeninos assinantes lhes podem mesmo escrever directamente. Êles também vão rezar muito pelos seus padrinhos e madrinhas.



*Boas Irmãzinhas :*

*O signatário desta é um infeliz paralitico, vítima duma paralisia infantil que aos dois anos me inutilizou; depois tive a pouca sorte de quebrar uma perninha, aquela com que fazia algum movimento e assim me vejo cada vez pior.*

*Venho pedir às boas Irmãzinhas que peçam por mim a Deus, agradecendo-lhes do todo o coração se fizessem uma novena à Mãe do Céu pelas minhas melhoras. Sou assinante do Correio Missionário das Crianças.*

*Muito agradecido e pedindo a Deus que vos proteja sempre, assino com muita gratidão.*

*Espinhal, 12-4-1939.*

*José Lourenço de Oliveira*

Recebemos esta comovente cartinha e o nosso pensamento foi logo para os nossos assinantezinhos do Correio Missionário. Não vão êles ajudar-nos na nossa novena?

É êste ano que se festeja o centenário da nossa Fundadora, Madre Maria da Paixão, nascida no mês de Maio, o mês de Nossa Senhora; vamos todos pedir-lhe que obtenha da Mãe do Céu as melhoras do nosso querido assinante.

Ela amava tanto os pequeninos, os humildes, os que sofriam que vai obter-lhe muitas graças. Não é verdade que dareis todos ao vosso pequeno companheiro uma oraçozinha? Como o Menino Jesus recompensará a vossa caridade!

Nihil obstat

6-5-939.

P.<sup>o</sup> A. J. Costa

Imprimatur

Bracaræ, 6 Majus 1939.

† A., Arch. Bracaræ.



CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS. — Assinatura anual: 5\$00 — Colónias: 6\$00

Para os assinantes dos Anais: 4\$00 — Assinantes Benfeitores: Grátis

Número avulso: \$60